

ESTÁCIO E A POÉTICA DO ÓCIO

Leni Ribeiro Leite

RESUMO: Estácio, autor latino do século I d.C., mais conhecido por suas obras épicas, publicou durante a última década do primeiro século um conjunto de cinco livros de poemas em metros variados, conhecidos sob o nome de *Silvae*. Dialogando com a crítica moderna, que busca repensar a literatura daquele período para além do rótulo de “literatura de prata” ou “decadente”, procuramos mostrar as mudanças de ponto de vista na fortuna crítica recente de Estácio e os novos caminhos de reflexão acerca de sua obra, em especial das *Silvae*.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia latina; Estácio; *Silvae*; ócio.

Este trabalho busca estabelecer alguns pontos principais para reflexão acerca da obra de Estácio, poeta latino do período flaviano. Conhecido principalmente por sua obra épica – a *Tebaida*, publicada em 92 d.C., e a *Aquileida*, não terminada pelo autor – Estácio também é o autor das *Silvae*, cinco livros de versos em metros variados, publicados gradualmente a partir de 92 d.C., sendo o último deles provavelmente uma publicação póstuma. De forma geral, a *Tebaida* é considerada sua obra principal; tornou-se popular logo após a publicação, e teve fama duradoura durante a Antiguidade. Durante a Idade Média, sempre lembrado como poeta épico, Estácio alcançou o auge de sua popularidade, rivalizando com Ovídio: há mais de 160 manuscritos medievais da *Tebaida*; Chaucer oferece a ele a mesma importância que a Homero, Vergílio, Ovídio e Lucano; e a maior honra foi-lhe dada por Dante, ao tornar Estácio sucessor de Vergílio como seu guia através do Purgatório. É possível que ao leitor moderno tamanho destaque a Estácio cause surpresa: o declínio de sua fortuna começou ainda no Renascimento, até sua classificação como poeta menor na modernidade.

Se sua épica, porém, alcançou prestígio em certos períodos, não se pode dizer o mesmo acerca das *Silvae*, que parecem, de forma geral, ter sempre seguido de longe os passos da *Tebaida* e da *Aquileida*, sua leitura quase uma concessão feita à poesia menor de um poeta importante. Segundo Gian Biagio Conte (1999, p.482), em seu manual de literatura latina, “no início da Idade Média, até as *Silvae* se tornaram relativamente populares” (grifo nosso). Consideramos porém que a variedade métrica das *Silvae* e sua posição indefinida em relação ao gênero – Martin & Gaillard (1990) classificam a poesia de Estácio sob o gênero épico, e apenas acrescentam uma nota em relação às *Silvae*, apontando sua indefinição e seu charme – contribuem não só para estudos acerca da sociedade e das relações pessoais do período flaviano, mas também trazem elementos importantes para o estudo da obra de Estácio, em

particular, e da literatura no período em geral, elementos que não se mostram com tanta clareza na épica – de Estácio, de Valério Flaco, de Sílio Itálico – em função das limitações impostas pelo gênero.

Assim como outros autores do mesmo período, Estácio tem se beneficiado de estudos que tendem a rever as posições tradicionais da crítica histórica e literária em relação ao governo de Domiciano, por um lado, e a produção literária do período, por outro, levados a cabo a partir da década de sessenta do século XX. Em 1965 o pesquisador alemão Cancik deu início a um novo capítulo na história da fortuna crítica de Estácio, com uma monografia sobre as *Silvae* em que investiga as origens retóricas do que ele considera os dois principais obstáculos à apreciação moderna da obra: o estilo denso e elaborado (muitas vezes denominado “maneirista”, não sem dificuldades de ordem teórica), e seu conteúdo encomiástico, considerado “bajulatório”. A esta característica voltaremos em breve; compartilhado com outro autor do mesmo período, Marcial, foi este elemento – o elogio aos patronos e poderosos – sem dúvida o responsável por grande parte das críticas que sofreram ambos os poetas. A poesia encomiástica fere de modo profundo as sensibilidades modernas.

Em 1983, A. Hardie publicou um trabalho em que identificava as *Silvae* com o meio cultural grego da Baía de Nápoles; estas idéias, mais tarde desenvolvidas por Holford-Strevens e McNelis, mostraram-se cruciais para a crítica de Estácio; a prática da epidêixis, o conhecimento de literatura grega além da canônica fazem de Estácio, nas palavras de Holford-Strevens, “um poeta grego escrevendo em latim”.

Por outro lado, ainda que a influência grega possa ser considerada uma das razões para o discurso sofisticado de Estácio, ela não é suficiente para explicar as *Silvae*, sua própria existência - enquanto obra *sui generis* ou simplesmente único representante de um estilo de poesia estabelecido no período, questão ainda em debate. Central para a compreensão da poesia de Estácio, porém, foram os desdobramentos de estudos como os de Wallace-Hadrill (1996) acerca do imperador Domiciano e sua corte, e do legado da dinastia Júlio-Claudiana. A figura de Domiciano e suas tendências autocráticas contam como influência de grande porte na literatura do período, principalmente nos estudos de Kathleen Coleman, autora de uma série de artigos sobre Estácio e Marcial, bem como edições comentadas de livros isolados de ambos os autores.

O conteúdo de boa parte da poesia de Marcial e da quase totalidade das *Silvae* gira em torno dos interesses e preocupações dos patronos dos autores, em Roma e nas cidades circunvizinhas. Os patronos, além do próprio imperador, são membros das camadas abastadas, que ou praticam um estilo de vida epicurista, afastando-se da vida pública em busca de uma

vida letrada e elegante, cuja palavra chave é *otium*; ou senadores e cavaleiros engajados na vida pública, cuja imagem é sempre cercada de um respeitável colorido estóico. Comuns ainda à obra de ambos os autores são alguns dos expedientes usados para estabelecer a relação com o amigo/patrono e desenvolver o louvor a ele: dignos de nota são os *topoi* dos objetos de arte, das belezas da *villa*, da palavra dada ao objeto inanimado ou à figura mitológica. No entanto, se em Marcial estes poemas pontuam aqui e ali uma obra conhecida pela face satírica, erótica, coloquial, nas *Silvae* eles são a totalidade da poesia. E, se essa bajulação elaborada é a característica da poesia do período flaviano mais estranha ao gosto moderno, provocando reações e interpretações as mais diversas, explica-se assim a relativamente melhor fortuna de Marcial a partir do século XVII, quando comparado à obra de Estácio.

Em 1984, Ahl propôs para Estácio uma interpretação pouco depois também apresentada para a poesia de Marcial, por Sullivan (1991): a poesia de bajulação seria, na verdade, irônica, crítica disfarçada, zombando das pretensões dos patronos e da figura do imperador. Em 2002, Carole Newlands amplia e refina esta teoria: para ela, os livros que Estácio publicou em vida (do um ao quatro) revelam uma sutil inquietação do poeta em relação às atitudes e comportamentos que ele é obrigado a elogiar.

Uma interpretação alternativa, proposta principalmente por Ruurd Nauta, em *Poetry for Patrons, Literary Communication in the Age of Domitian*, publicado também em 2002, parte da premissa de que os poemas das *Silvae* são composições independentes, governadas não por um sistema coeso e consistente, mas pelas convenções e expectativas do patronato literário; cada poema seria, assim, uma resposta ao gosto e necessidades de um patrono em particular em uma dada situação. É claro que os padrões modernos de tato, gosto e discrição não correspondem às convenções do período flaviano; o vão que separa o poeta do patrono deve ser ultrapassado de forma cuidadosa, mesmo em uma ocasião como a das *Saturnalia*. Em reforço a esta interpretação, os próprios prefácios de Estácio costumam tocar no paradoxo da publicação de poesia “de ocasião”. A título de exemplo, observemos um trecho do prefácio ao livro 1 das *Silvae*:

Quid quod haec serum erat continere, cum illa vos certe quorum honori data sunt haberetis. Sed apud ceteros necesse est multum illis pereat ex venia, cum amiserint quam solam habuerunt gratiam celeritatis. Nullum enim ex illis biduo longius tractum, quaedam et in singulis diebus effusa. Quam timeo ne verum istuc versus quoque ipsi de se probent! (Estácio, *Silvae*, 1.praef. 10-15)

Além disso, era muito tarde para contê-los, pois você, certamente, e os outros em cuja honra eles foram feitos os possuíam. Mas junto ao público é necessário para eles que abandonem muito do que receberiam de indulgência, pois perderam o que só tiveram graças à rapidez. De fato, nenhum deles levou mais do que dois dias para compor, alguns foram feitos em um só dia. Como temo que os próprios versos sejam testemunha desta verdade!

No entanto, pedidos de perdão tais como esse, constantes em Estácio, a justificativa da pressa na publicação – o próprio nome *Silvae* pode se referir a “rascunho”, trabalho pouco elaborado – devem ser reconciliados com a “arte” de seus poemas, que parecem ser polidos por muito tempo. Llewelyn Morgan demonstrou no artigo “*Metre matters: Some higher-level metrical play in Latin poetry*”, de 2000, como o tipo de verso selecionado por Estácio para cada poema não é aleatório, e sim um veículo sutil e sofisticado, intimamente relacionado ao tema do poema, bem como a estruturação dos poemas em si e sua seleção dentro de cada livro. Além disso, uma das características mais notáveis da obra de Estácio é sua relação com seus predecessores – seu diálogo intertextual extremamente complexo é tema da obra de Taisne (1994) e de Stephen Hinds (1998).

A profundidade da poesia de Estácio, em vários níveis, aliada ao clima social e político da Roma de Domiciano, propõem um desafio para os leitores que desejam penetrar no mundo das *Silvae*. Seu estilo intensamente decorado aborrece ou inquieta? O louvor que beira o exagero, “os elogios ousados que abusam da crença do leitor”, nas palavras de Kathleen Coleman (2000), são um defeito ou um enigma a ser desvendado?

Aceitando o desafio, não buscamos oferecer respostas diretas a essas perguntas, nem propor uma explicação unificadora para a obra de Estácio, mas apenas observar alguns pontos importantes de reflexão acerca do autor, em especial em relação às *Silvae*.

Carole Newlands, em seu trabalho de 2002, desenvolve a idéia de que as *Silvae* representam um fenômeno novo na literatura latina, uma vez que a necessidade de louvar o imperador e os patronos não existira até aquele ponto. Segundo Newlands, mesmo os poetas da época de Augusto não teriam precisado enfrentar a figura do imperador como detentor de um poder absoluto sobre tudo, inclusive sobre a arte – os poetas augustanos tinham a *recusatio* como forma polida de reconhecer a proeminência do imperador sem abandonar o horror ao grandioso, característico da estética calimaqueana. Assim, os poetas do período flaviano, em especial aqueles que escreviam poesia de ocasião, desenvolveram uma nova estética, que a autora convencionou chamar de “Poética do Império” (Poetics of Empire). Ela chama atenção, por exemplo, para o fato de que as *Silvae* são a primeira obra na literatura latina a celebrar abertamente o poder, o dinheiro, as amenidades tornadas possíveis pela riqueza abundante do Império.

No entanto, os poemas em honra do imperador ou de outras importantes figuras públicas não constituem a maioria dos poemas das *Silvae*. Nos primeiros três livros, há apenas

dois poemas (num total de dezoito) que se referem diretamente a Domiciano, ambos no primeiro livro. No livro 4, essa tendência é compensada pela presença de três poemas acerca do imperador, organizados programaticamente em sequência na abertura do livro. Mas, em geral, poemas honrando amigos e conhecidos são muito mais comuns; pessoas que, em muitos casos, tinham simplesmente abandonado a vida pública, ou jamais entrado nela; pessoas que não tinham qualquer ligação com a autoridade imperial. Apesar de sua obscuridade política e social, esses amigos de Estácio, suas casas, seus objetos de arte são elogiados em termos iguais aos representantes legítimos do império e da vida pública.

Os estudos sobre o governo de Domiciano e sobre as relações sociais no período nos falam de uma sociedade em que a tradicional aristocracia romana estava sendo substituída pelas nobrezas provinciais, por libertos, por um novo grupo de burocratas que suplantavam ou ameaçavam o poder senatorial. Significativamente, Estácio fala muitas vezes de virtude, conhecimento, riqueza, em situações em que nascimento e origens não podem ser chamados à baila como forma de merecimento.

No período em questão, a identidade cultural do que se poderia chamar a elite romana está claramente desfigurada ou, ao menos, modificada. Estácio é obrigado, portanto, a remodelar elementos usados na poética anterior, para que sejam adequadas aos novos tempos. No poema 2.1, por exemplo, Estácio constrói um epitalâmio para uma noiva que não possui as características tradicionais das noivas cantadas em outros poemas do mesmo tipo. Que faz o poeta? Apropria-se dos elementos tradicionais, mas desloca-os. Se a noiva, uma rica viúva, não pode ser louvada por sua virgindade, Estácio desenvolve o elogio da castidade; em uma sociedade profundamente urbana como a que ele retrata, a imagética da natureza é substituída pela descrição da casa da noiva. Assim, Estácio nos apresenta uma poética capaz de caminhar em meio a uns e outros, os novos e os antigos; sua poética não é uma poética do imperador, ou de um programa de governo; não representa a sociedade tradicional, mas também não defende uma revolução ou novidade. Construída mais como um mosaico do que um monolito, a poesia das *Silvae* nos parece ter como objeto tudo aquilo que é caro à população enriquecida de Roma e de sua área de influência; se essa população sem dúvida é a elite do império, a poética de Estácio celebra estilos de vida que têm como objeto de desejo ou fruição o *ócio* e o que ele permite; mais do que uma poética do império, Estácio inaugura uma poética do ócio.

Ao celebrar a estátua do imperador em paralelo com a vila de um amigo vivendo uma vida pacata e retirada da vida pública, mais do que falar do Império, Estácio fala do refinamento cultural e da tranquilidade necessária para apreciar estátuas e bela arquitetura,

indistintamente; ou seja, fala do ócio cultivado. O próprio autor usa o termo *docta otia* no poema 1.3, que citamos:

Digne Midae Croesique bonis et Perside gaza,
 macte bonis animi, cuius stagnantia rura
 debuit et flavis Hermus transcurrere ripis
 et limo splendente Tagus. sic docta frequentes
 otia, sic omni detertus pectora nube
 finem Nestoreae precor egrediare senectae.
 (Estácio, *Silvae*, 1.3.105-110)

Ó digno da riqueza de Midas e de Croeso e dos tesouros da Pérsia
 louvo-te a riqueza da alma. O Hermos com suas margens douradas
 e o Tejo, de leito brilhante, deviam cruzar
 tuas planícies alagadas. Que assim tu tenhas frequentemente
 ócios doutos, eu rezo que assim passes o limite da idade de Nestor,
 que toda nuvem seja levada para longe de teu coração.

Isso não significa dizer que acreditamos que toda a poesia das *Silvae* parte de um só objetivo e caminha em uma só direção. A personagem preferida do autor, o eu-poeta orférico que toca as cordas da lira, veste máscaras variadas, e colhe os argumentos necessários para cada situação; as *Silvae* contém muito de auto-reflexão, e muitas vezes chamam a atenção do seu leitor para a diversidade de fontes e de inspiração, sem compromisso com uma visão unificada do mundo.

Essa busca pela explicação unificada da poesia de Estácio de certa forma fez com que as *Silvae* ficassem marcadas pela fortuna crítica como “poesia decadente”. Gian Biagio Conte (1999, p.487), alinhado a esta visão tradicional, afirma que “A poesia agora serve como ornamento; ela cria um forro onde as coisas e atos do dia-a-dia são dispostos como objetos preciosos. Então, nessa extrema decadência, a poesia se torna a outra face do luxo.”

Sem dúvida, não podemos negar que as *Silvae* são uma voz dissonante no meio literário imperial. No entanto, o tema da decadência moral, de que tratam Tácito, Plínio o velho, Sêneca e tantos outros, e que continuou repetida nos séculos seguintes por comentadores medievais e modernos, não comparece na poesia de Estácio. É surpreendente observar esta ausência em uma poesia que trata da riqueza e do poder, que fala do imperador e da elite, e que celebra abertamente uma vida de abundância e cultura, propiciada pela paz que só o regime imperial oferece. Estácio não chora o tempo passado, não lamenta as perdas, nem mesmo para considerá-las menores do que os ganhos, e se compraz no elogio da nova ordem.

Esta observação está presente nos comentadores mais recentes da obra de Estácio. Tanto Newlands como Hinds rejeitam a idéia de decadentismo, exceto como um *topos* comum a partir da época de Augusto; ao contrário, a poesia das *Silvae* é pioneira em novas

formas literárias e modos de expressão. Em sua exploração de novas relações sociais, políticas e literárias, Estácio criou poemas de vários tipos, marcando um novo terreno poético, que não tem um gênero definido, justamente porque inovador, mas que através de sua relação com a literatura que o precedeu, busca uma voz e tom apropriados para exprimir a nova realidade do período flaviano. Como exemplo, citemos o poema V.4, possivelmente um dos mais famosos de Estácio, mas que, recuperando uma série de outros textos em que o sono é o tema, cria um poema de difícil definição:

Crimine quo merui, iuvenis placidissime divum,
 quove errore miser, donis ut solus egerem,
 Somne, tuis? tacet omne pecus volucresque feraeque
 et simulant fessos curvata cacumina somnos,
 nec trucibus fluviis idem sonus; occidit horror 5
 aequoris, et terris maria adclinata quiescunt.
 septima iam rediens Phoebe mihi respicit aegras
 stare genas; totidem Oetaeae Paphiaeque revisunt
 lampades et totiens nostros Tithonia questus
 praeterit et gelido spargit miserata flagello. 10
 unde ego sufficiam? non si mihi lumina mille,
 quae sacer alterna tantum statione tenebat
 Argus et haud umquam vigilabat corpore toto.
 at nunc heu! si aliquis longa sub nocte puellae
 brachia nexa tenens ultro te, Somne, repellit, 15
 inde veni; nec te totas infundere pennas
 luminibus compello meis (hoc turba precetur
 laetior): extremo me tange cacumine virgae,
 sufficit, aut leviter suspenso poplite transi.
 (Estácio, *Silvae*, 5.4)

Por que crime mereci, jovem Sono, mais gentil dos deuses,
 ou por que erro, que só eu, pobre de mim, carecesse de teus dons?
 Todo o rebanho está em silêncio, e os pássaros e as feras,
 e as copas curvadas simulam sonos cansados,
 e os rios selvagens diminuem seu som; morre o tremor
 das águas, e aquietam-se os mares, reclinados sobre os litorais.
 Já retornando pela sétima vez, Febe observa meus olhos cansados a fitar;
 tantas vezes as luzes do Eeta e de Pafos me vêem novamente
 e tantas vezes Titônia passa diante de nossos queixumes
 e, comiserada, nos esparge com seu chicote gélido.
 como suportarei eu? Nem se eu tivesse os mil olhos
 que o sagrado Argos possuía apenas em guardas alternadas
 e nunca estava acordado com todo o corpo.
 mas agora, ai! se alguém, durante a longa noite,
 contido nos braços entrelaçados da amada, te expulsa, sono, para longe,
 vem de lá para mim; nem exijo que tu lances sobre meus olhos
 todas as tuas asas (que peçam isso os mais afortunados):
 toca-me com a ponta de tua varinha,
 é suficiente; ou passa por mim levemente, com os joelhos no ar.

Este poema, incomum mesmo na obra de Estácio, dialoga mais com a tradição grega do que com a latina e, acreditamos, representa o novo momento, social e literário, que Estácio vive. Parece-nos justo dizer que tais mudanças e novidades passaram despercebidas de boa parte da crítica literária, escondidas sob o rótulo de decadentismo legado a toda forma de

estética do panegírico, e que se apresenta hoje como rico campo de reflexão acerca das transformações sociais, culturais e literárias do império romano posterior ao período de Augusto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COLEMAN, Kathleen M. *Statius Silvae IV*. Oxford: Oxford University, 1988.
- _____. *Latin literature after A.D.96: change or continuity?* *American Journal of Ancient History*, 15, 1990, 19-39.
- CONTE, Gian Biagio. *Latin literature – a history*. Baltimore: Johns Hopkins, 1999.
- HARDIE, Alex. *Statius and the Silvae: poets, patrons and epideixis in the Graeco-Roman world*. Liverpool: David Brown, 1983.
- HINDS, Stephen. *Allusion and intertext – Dynamics of appropriation in Roman poetry*. New York: Cambridge, 1998.
- MARTIN, René & GAILLARD Jacques. *Les Genres Littéraires à Rome*. Paris: Nathan, 1990.
- MORGAN, Llewelyn. *Metre matters> some higher-level metrical play in Latin Poetry*. *Proceedings of the Cambridge Philological Society*. 46, 2000, 99-120.
- NAUTA, Ruard. *Poetry for patrons: literary communication in the age of Domitian*. Leiden: Brill, 2002.
- NEWLANDS, Carole. *Statius and the Poetics of Empire*. Cambridge: Cambridge, 2002.
- STATIUS. *Silvae*. Ed. D.R. Shackleton Bailey. Cambridge, Massachusetts: Harvard University, 2003.
- SULLIVAN, J.P. *Martial, the unexpected classic*. Cambridge: Cambridge, 1991.
- TAISNE, A.M. *L'esthétique de Stace. La peinture des correspondances*. Paris: Les Belles Lettres, 1994.
- WALLACE-HADRILL, Andrew. "The Imperial Court". In: *Cambridge Ancient History*, 10, 1996, 283-308.